

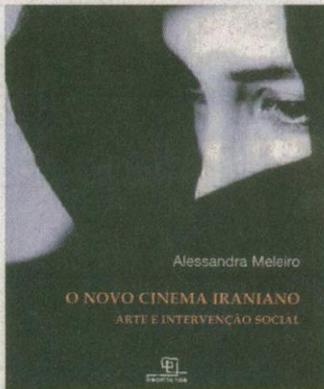
Estudo investiga a fenomenal produção do pós-Khomeini

Com *Arte e Intervenção Social*, Alessandra Meleiro tenta compreender a cinematografia que virou referência mundial

Luiz Carlos Merten

Sucesso de crítica no Ocidente, o cinema iraniano atinge, no exterior, um público formado por uma elite cultural com alto nível de educação, interessada em expandir sua cultura cinematográfica e habituada com a linguagem de cineastas como o indiano Satyajit Ray e o japonês Yasujiro Ozu. Alessandra Meleiro afirma isso no livro *O Novo Cinema Iraniano - Arte e Intervenção Social*, da Escrituras Editora, que será lançado no dia 17 no HSBC Belas Artes. Parece uma informação em passant, mas na realidade é fundamental para a compreensão do livro e do próprio cinema iraniano.

O Irã era desconhecido nos anos 1970 e 80 e, mesmo depois da repercussão internacional alcançada por seus filmes e diretores – é de novo Alessandra quem diz –, continua não sendo até hoje uma destinação turística. Pergunte às pessoas ao seu redor e verá que pouquíssimos ocidentais viajam para o país e que a maioria dos vistos concedidos para o Irã é para profissionais a negócios. Vai nisso o que não deixa de ser um paradoxo, pois se o país é pouco conhecido, seu cine-



ma é referência para cinéfilos de todas as latitudes. O público da Mostra Internacional de Cinema, em São Paulo, acostumou-se aos nomes e filmes de Abbas Kiarostami, Jafar Panahi, Mohsen Makhmalbaf e Samira Makhmalbaf. Agora mesmo, acaba de estrear o novo de Samira, *As Cinco da Tarde* (leia acima). *Cahiers du Cinéma* cultural Kiarostami (já lhe dedicou uma edição especial), Cannes, Veneza e Berlim – a santíssima trindade dos festivais internacionais – já premiaram os iranianos.

É sobre o paradoxo que Alessandra trabalha em seu livro. Você vai ver que ela tem interesse especial em investigar o cinema

iraniano à luz da cultura islâmica. Há um poder que se instalou no país com a queda do xá Reza Pahlevi e a ascensão do aiatolá Khomeini e seus mulás. Estabeleceu formas, de censura inclusive, que norteiam o cinema como atividade econômica e artística.

Alessandra discute como as mulheres se situam nessa cultura e como o cinema as reflete – no caso de Samira Makhmalbaf, como uma mulher jovem consegue tornar-se uma cineasta importante. Mas não fica nisso. Kiarostami e Mohsen Makhmalbaf são analisados em profundidade, em filmes como *Ten e Gabbeh* e a autora tenta desmistificar os conceitos de inocência e pureza quase sempre associados ao cinema iraniano no Ocidente. Esse olhar está muito mais em quem vê, de fora, do que na complexa produção cultural iraniana. Independentemente de você apoiá-lo na íntegra ou em parte, ou até discordar de seus pontos de vista, o livro de Alessandra é valioso para quem busca compreensão mais profunda desse fenômeno que é o cinema iraniano pós-Khomeini. ●